

Imigrantes Goianas na Irlanda: Agências e Interpretações

Immigrants from Goiania in Ireland: Agencies and Interpretations

Inmigrantes de Goiás en Irlanda: Agencias y Interpretaciones

Reijane Pinheiro da Silva

Universidade Federal do Tocantins – Brasil

reipinheiro@gmail.com

Resumo

Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa sobre a emigração de goianos para a República da Irlanda. Através de uma etnografia multisituada, buscou-se compreender como os elementos da identidade regional desses imigrantes são reforçados, negociados ou negados no contexto da vida no exterior. A etnografia e a coleta de dados foram realizadas no Brasil e na Irlanda, entre 2009 e 2011, nas cidades de Anápolis/GO, e Tullamore, Kilbeggan e Gort, na Irlanda, estas por se destacarem em número de brasileiros. O registro das interpretações femininas sobre o processo de emigrar tem como objetivo valorizar a perspectiva de gênero e o lugar de fala das mulheres que, muitas vezes, é silenciado nas representações generalistas elaboradas sobre os imigrantes.

Palavras-Chave: Mulheres; Imigração Internacional; Interpretações.

Abstract

This article is part of the results of a survey on emigration from Goiás to the Republic of Ireland, held between 2009 and 2011. Through a multi located ethnography (Brazil-Ireland), it aimed to understand how the elements of regional identity of these immigrants are reinforced, traded or denied in the context of living abroad. Both the ethnography and the data collection were done in Brazil and in Ireland, between 2009 and 2011, in the cities of Anápolis, in Brazil, and Tullamore, Kilbeggan and Gort, in Ireland, since these have a considerable number of Brazilians. The record of womanly interpretations of the emigrating process aims to enhance the gender perspective and the places of speech of the women, which is often silenced by the general representations about immigrants.

Keywords: Women; International Immigration; Interpretations.

Resumen

Este artículo es parte de los resultados de una investigación sobre la emigración de goianos hacia la República de Irlanda. A través de una etnografía multisituada, se trata de comprender cómo se refuerzan, negocian o niegan los elementos de la identidad regional de estos inmigrantes en el contexto de la vida en el extranjero. La etnografía y la recogida de datos se llevaron a cabo en Brasil e Irlanda entre 2009 y 2011 en las ciudades de Anápolis, GO y Tullamore, Kilbeggan y Gort, Irlanda, ya que en éstas destacaba en número de brasileños. El registro de las interpretaciones femeninas sobre el proceso de emigrar tiene como objetivo valorizar la perspectiva de género y el lugar de habla de las mujeres que a menudo son silenciadas en las representaciones generalistas formuladas sobre los inmigrantes.

Palabras-Clave: Mujeres; Migración Internacional; Interpretaciones.

Introdução

Nas análises clássicas das migrações, as mulheres aparecem como coadjuvantes ou vítimas. Vítimas quando abandonadas pelos companheiros que migraram, ou coadjuvantes quando migram para acompanhá-los. As migrações regionais brasileiras, principalmente as empreendidas em massa pelos migrantes nordestinos em direção ao sudeste, produziram representações de gênero claramente permeadas pelo abandono de mulheres no sertão, obrigadas a criar sozinhas os seus filhos ou a também migrarem, como alternativa à miséria imposta pelo meio. Nas teorias das migrações internacionais, em geral, as mulheres não são consideradas de acordo com suas particularidades. Subsumidas na categoria família ou trabalhadores, suas perspectivas desaparecem na generalidade dessas referências. Considerar os trajetos e experiências dessas mulheres, a partir de um olhar que considere o gênero como condição em torno da qual elas já estão estabelecidas representações e expectativas, pode ajudar a entender que outras motivações levam à migração e qual o lugar dessas mulheres nos movimentos de emigração para o exterior (MOROKIVASIC, 1984)

O processo que mobiliza indivíduos a migrar possui faces múltiplas que podem ser visibilizadas por perspectivas amplas, como as teorias macroestruturais, a exemplo das que inserem os trabalhadores migrantes no dinamismo da reestruturação do capital e das forças produtivas, mas, também por análises que considerem as particularidades e os anseios dos indivíduos envolvidos. É nessa direção que consideramos as informações de que o início do fluxo migratório de trabalhadores e trabalhadoras goianos para a Irlanda teve como motivação específica o fechamento provisório de um frigorífico em Anápolis/GO, insuficientes para apreender toda a complexidade desse movimento

migratório que se manteve constante por cerca de dez anos. Ressaltamos que as experiências dos indivíduos que migraram esclarecem tanto quanto as teorias macroestruturais, uma vez que nos permitem acessar sentidos e subjetividades inapreensíveis por caminhos que desconsiderem os sentimentos em questão. No que se refere às trabalhadoras migrantes, as justificativas para a migração indicam mais claramente motivações afetivas, se comparadas ao que revelam os trabalhadores. Relatos de situações de depressão, decepções amorosas, preocupação com o futuro dos filhos ou dos pais e, até mesmo a esperança de que um grande amor pode ser encontrado fora do Brasil, são frequentemente somados aos motivos financeiros das migrações. Outro apontamento comum é a justificativa de ter ido ao encontro do marido ou namorado, na expectativa de conseguir uma colocação e contribuir com a poupança destinada à melhoria de vida da família.

As migrações de brasileiros para o exterior têm sido objeto de pesquisas de variadas áreas do conhecimento. No caso da imigração de goianos para a Irlanda, convém ressaltar que o processo teve início com a contratação de trabalhadores goianos para frigoríficos irlandeses, no final da década de 1990. Esse evento específico desencadeou o fluxo para a Irlanda, mas, obviamente, encontra respaldo no que poderíamos chamar de formação de uma cultura de emigração, que nos últimos trinta anos ganhou força em todo o estado e fez com que os goianos se espalhassem pelos Estados Unidos e pela Europa, chamando a atenção dos pesquisadores e das instituições governamentais. Entre as pesquisas sobre migrações publicadas num dossiê da revista Estudos Avançados da USP¹, desenvolvidas (ou em desenvolvimento) no Brasil, a maioria faz referência às presenças mineira e goiana no exterior, apontando a cidade de Governador Valadares/MG, como a primeira em saída de emigrantes. Os últimos dados do

IBGE (2011), referentes à emigração de brasileiros, mostram que, proporcionalmente, os goianos se destacam entre os que deixaram o país. A constatação de que Goiás é o estado de onde voltam o maior número de deportados também reafirma o significativo número de regionais imigrantes.

Muitos trabalhos também têm se voltado para o campo das migrações femininas e das relações de gênero nos movimentos migratórios (Assis; Kosminsky, 2007). Já o estado de Goiás tem registros expressivos de migração de trabalhadores para os Estados Unidos e Europa, mas não havia, até o censo de 2010, a identificação do gênero desses sujeitos. Dados do IBGE divulgados em novembro de 2011 indicam que 53,8% dos emigrantes brasileiros são mulheres, ao passo que 46,1% são homens. Nesta direção, consideramos importante ressaltar que, apesar de terem alguns objetivos comuns, esses homens e mulheres imigrantes veem o mundo em que passam a viver com expectativas e sensibilidades diferentes, além de serem percebidos também de forma diferente.

Interpretações e Narrativas Femininas sobre as Experiências da Imigração na Irlanda: em busca de uma 'vida melhor' para a Família

Durante o trabalho de campo na Irlanda, identifiquei basicamente três grupos de mulheres imigrantes. O primeiro constituído pelas mulheres que emigraram para ir ao encontro do marido ou namorado que já estava na Irlanda e contribuir para que objetivos como comprar casa, carro ou abrir um pequeno empreendimento seja alcançado. Essas mulheres têm entre 26 e 46 anos e uma média de seis anos de escolaridade. O segundo grupo é composto de mulheres que emigraram sozinhas para trabalhar, têm entre 22 e 40 anos e uma média de nove anos de escolaridade; e o terceiro é composto de estudantes de classe média que vieram

estudar inglês no país, que têm entre 18 e 27 anos, segundo grau completo, graduação iniciada ou concluída. Na convivência cotidiana com essas imigrantes, chamou-me a atenção, mais uma vez, as particularidades de suas trajetórias e as interpretações que elaboram sobre sua condição. Longe da ideia de que são vítimas de um sistema que faltam oportunidades, a maioria delas se orgulha da decisão de emigrar e avalia de forma muito positiva tudo o que vivem e viveram no exterior. Algumas já haviam emigrado para outros países antes de chegar até a Irlanda, sempre em busca da estabilidade financeira. Muitas também assumiam sua intenção de encontrar um parceiro ou relataram suas experiências amorosas no exterior. Há também as que estão em relacionamentos estáveis com estrangeiros e as que pretendem encontrar um companheiro europeu.

O primeiro grupo de mulheres que etnografei corresponde às esposas dos trabalhadores dos frigoríficos *Dunbia* e *Kepak*, das cidades de Tullamore e Kilbeggan, County Offaly, contratados em Goiás para trabalhar nos frigoríficos citados. Ao todo, acompanhei cotidianamente dez famílias, todas oriundas de Goiás, principalmente da cidade de Anápolis. Essas famílias vivem em pequenos condomínios, os *states*, em casas grandes de dois andares, com três ou quatro quartos. Fazem parte do primeiro grupo de imigrantes goianos que foi para a Irlanda no final da década de 1990 e estão vinculadas a uma rede que intermediava a contratação desses trabalhadores em Goiás (SILVA, 2014). As informantes, durante a pesquisa, ressaltavam com frequência as diferenças entre a vida no Brasil e na Irlanda e as condições que desfrutavam no país onde vivem. Moradia, educação e saúde são os principais elementos de comparação. “Quem no Brasil pode morar nunca casa como essa? Só gente rica, classe média alta. Aqui as diferenças são menores. Quem trabalha legalmente pode viver bem, com conforto”,

disse Sal, 40 anos. Ela nasceu e cresceu em Anápolis e antes de ir para a Irlanda trabalhou como doméstica e, segundo os relatos, passou toda sorte de privações, desde a infância. Emigrou em 2005 e, desde então, trabalha com limpeza em Tullamore, além de serviços de cabeleireira e manicure a domicílio. Possui três filhos, uma menina de dez anos, um adolescente de quatorze e o mais velho de dezoito. A casa onde vivem, em um dos *states* em Tullamore, tem dois andares e quatro quartos e, na definição de Sal, é impossível mantê-la organizada. Na primeira vez em que fui visitá-la, ela mostrou-me toda a casa e depois sua coleção de sapatos e roupas. Como os armários não comportavam, havia sapatos espalhados em todos os lugares do *closet*: “São mais de noventa pares, muitos deles compro nos brechós, não dá pra acreditar cada sapato e roupa que encontro por um ou dois euros, novinhos, muitos com etiquetas”. Depois de visitar toda a casa pude concluir que, apesar do tamanho, não há espaço suficiente para todas as mercadorias compradas semanalmente pela família: as roupas ficam espalhadas por toda a casa, bem como os sapatos e bolsas. Os armários da cozinha também não são suficientes para todos os alimentos estocados e percebi que muitos deles acabam perdendo a validade, sendo então jogados no lixo. Percebi que boa parte das famílias brasileiras em Tullamore tem assinatura da TV Globo Internacional, outra forma de manter os elos com o Brasil. As famílias que não possuem a assinatura, acompanham a Record Internacional.

Sal é definida pelas amigas como consumidora compulsiva, mas, não atestei grandes diferenças entre os comportamentos de consumo das outras mulheres e de seus familiares. As casas onde vivem as famílias do grupo pesquisado assemelham-se no tamanho e na dificuldade de dispor mercadorias e alimentos comprados. Em

todas, é possível encontrar sapatos, roupas, brinquedos, escovas de cabelo, livros, telefones celulares, utensílios domésticos e até alimentos espalhados por todos os cantos, o que me sugeriu a sensação de famílias que consomem sem planejamento, incentivadas pelas imensas diferenças dos preços de mercadorias entre o Brasil e a Irlanda, pelas ofertas que ocorrem entre as passagens de estação, quando as roupas da estação anterior são vendidas a preços muito baixos e, principalmente, pela possibilidade de comprar roupas de marca e alimentos inacessíveis no Brasil. Sempre que essas famílias visitam os parentes no Brasil levam dezenas de malas com roupas e presentes.

Os meses em que realizei a etnografia em 2011, abril, maio e junho, coincidiram com a organização da viagem de férias do grupo pesquisado. Em função das férias escolares na Irlanda, as famílias brasileiras geralmente viajam na primeira quinzena de junho. Essa viagem, em particular, foi organizada pela proprietária da empresa brasileira “Apoio Internacional” para o dia dezessete de junho e incluía um *tour* por Paris. Acompanhei as compras para a viagem ao Brasil e a organização das malas com os presentes. Em geral roupas, sapatos, e alguns eletroeletrônicos compuseram as malas. Cada passageiro teve direito a duas malas pesando até vinte e três quilos e uma mala de mão com até sete quilos. A família de Sal, por exemplo, com quatro passageiros, levou oito malas grandes e mais três de mão. As famílias com cinco passageiros levaram dez malas grandes e mais as cinco de mão. O grupo foi composto de 10 mães, todas com filhos, o que os levou a alugar um ônibus para o trajeto entre Tullamore e o aeroporto de Dublin.

Descrevo esses detalhes para ressaltar a importância dessa viagem anual para essas famílias estabelecidas na Irlanda e, em especial, para as mulheres, pois esse é o

momento onde é possível, além de voltar ao Brasil e rever familiares, mostrar aos que ficaram que a família ascendeu socialmente e vive bem. Além de tudo, pude ouvir de muitas dessas mulheres que seus filhos “fazem o maior sucesso” ao falar inglês entre os parentes. Uma delas disse que sua mãe paga às crianças para que eles conversem em inglês, outra disse que “a filha fala inglês tão rápido como se fosse um deles”. Sal disse que sua família passou a tratá-la melhor depois que ela mudou pra Irlanda e principalmente agora quando ela volta com os presentes: “são interesseiros, eu sei, mas é minha família e gosto de ajudar”. As malas não voltam vazias para a Irlanda: “trazemos coisas que a gente não encontra aqui ou que são muito caras, como por exemplo, pequi e pimenta, às vezes calcinhas, pois as da Irlanda ou são muito grandes ou são muito pequenas”.

A chegada ao Brasil é sempre muito comemorada pelos familiares, muitas vezes com faixas e balões no aeroporto ou festas de recepção nas casas. Viver fora do Brasil em condições de legalidade e num processo de integração familiar com a sociedade irlandesa se constitui para essas imigrantes como uma “vitória”, como definiu a informante: “A gente tá vencendo aqui na Irlanda e a gente lutou por isso, aqui trabalho na limpeza, mas tenho tudo que eu quero e meus filhos têm do melhor. Meu marido também trabalha na limpeza do frigorífico, mas a gente tem carro e vive muito melhor do que no Brasil”. Ela é uma defensora da permanência da família na Irlanda. O marido “até gostaria de voltar ao Brasil, pois o trabalho é muito duro, mas se depender de mim a gente não volta”. Quando conversamos sobre o futuro na Irlanda, ela disse que sabe que precisariam economizar e talvez até pagar a previdência no Brasil, mas “não pensa muito nisso”. Disse que quando chegou à Irlanda, era mais fácil encontrar trabalho e eles pagavam dez euros por hora.

Eu ganhava dez euros por hora de faxina. Eu arrumava a casa, passava roupa. Eles contratam por hora, você não pode ultrapassar a hora, tem que fazer o que pode pra terminar dentro do prazo combinado. Esses dias eu larguei uma faxina porque eu não aguentava mais. Chegava lá era um nojo, encontrava até cueca de criança na pia, comida babando de sujeira. Lá ela me pagava quatro horas. Aqui os produtos são fortes, pois a gente não usa água. De vez em quando a gente que é brasileiro joga uma aguinha. Aqui eles gostam da faxina brasileira, dizem que a gente é asseado. Engraçado eles gostaram de asseio e serem sujos. Por mim e pelos meus filhos a gente vai morrer aqui. Pelo meu marido não, por ele a gente ia embora. Meus filhos vivem de igual por igual com os colegas. Eu disse a eles pra gente ir embora e eles me responderam “a senhora leva meus amigos?”. Agora que a gente vai passear no Brasil eles ficam doidinhos pra vir embora.

Outro argumento para a defesa de que a família deve permanecer na Irlanda é a “faculdade das crianças”, ou o “colégio”, como muitas se referem ao traduzir literalmente a palavra *College*. Para essas mães, a expectativa dos filhos estudarem e voltarem ao Brasil com um diploma europeu “justifica todos os sacrifícios”. Nenhuma tem clareza sobre a necessidade de reconhecimento dos diplomas no Brasil, acreditam que um curso superior na Europa “teria mais valor” pelo fato de ser “do exterior”. “Imagina meu filho voltando pro Brasil com um diploma da Irlanda“?; “Vai conseguir emprego com certeza”, disse Dil,

40 anos, que vive com o marido e os dois filhos em Tullamore.

A informante Eli, de 36 anos, veio encontrar o marido que estava na Irlanda trabalhando legalmente no frigorífico *Kepak*, de Dublin. Está na Irlanda há dez anos e se diz adaptada ao “estilo de vida” no país. Trabalha como faxineira e afirma que não pretende voltar ao Brasil, pois as filhas foram alfabetizadas na Irlanda, em inglês e segundo ela “são mais irlandesas do que brasileiras”. Sir, 37, cujo marido trabalha no *Kepak*, tem um único filho. Preocupada com a interação do menino à família no Brasil e também por considerar a alternativa de retorno, enviou o garoto para que fosse alfabetizado em português, temendo que ele tivesse dificuldades futuras:

Meu filho ficou um ano no Brasil para aprender português. Sei que se eu deixasse pra mais tarde talvez ele não conseguisse, pois a nossa língua é muito difícil. Pensei que se um dia a gente voltar, o que vai ser do meu filho, ele não pode ser um analfabeto no Brasil. Se a gente voltar daqui a alguns anos, o que seria dele no Brasil?

Essa preocupação não é partilhada pelas outras mulheres do grupo e percebi, durante a pesquisa, que as crianças se comunicam em português em casa, mas não são alfabetizadas na língua materna, uma vez que a maioria já estuda na Irlanda por um período médio de dez anos. Do ponto de vista da convivência familiar, nas circunstâncias de retorno ao Brasil, isso não causa nenhum problema, mas podem ocorrer constrangimentos no contato dessas crianças com outras que já estejam dominando a norma culta no Brasil. Apesar de não me dispor a trabalhar com especulações sobre o futuro desses brasileiros-irlandeses, pelo menos no espaço deste artigo, posso sugerir que poderão ter

dificuldades de adaptação, caso os pais retornem ao Brasil antes do ingresso dessas crianças no ensino superior.

O Ministério das Relações Exteriores (MRE), através do projeto Brasileiros no Mundo, tem tomado iniciativas junto às comunidades brasileiras no exterior voltadas para a alfabetização em português das crianças que vivem fora. Em Gort, a Associação de Brasileiros chegou a articular aulas de português na escola primária da cidade. No momento em que a Associação deixou de existir, o que ocorreu em 2009, as aulas foram suspensas. Há, no entanto, perspectivas de que sejam retomadas no segundo semestre de 2011, por uma brasileira voluntária, que é pedagoga e trabalha junto com o marido em uma *Lan House* no centro da cidade. Em Dublin, a Associação de Mães Brasileiras na Irlanda (AMBI) atua, entre outras atividades, na difusão da língua e cultura brasileiras:

Várias mães brasileiras encontravam-se informalmente em suas próprias casas para se conhecerem, trocarem informações e para as crianças brincarem juntas. Havia vários grupos separados e dispersos. Como os grupos foram crescendo, a ideia de formar a AMBI (Associação de Mães Brasileiras na Irlanda) tinha como objetivo unir os grupos, tornar os encontros mais frequentes e ampliar a participação das famílias. Vimos também a oportunidade de proporcionar aos nossos filhos uma chance de vivenciar a cultura Brasileira e a Língua Portuguesa, mesmo longe do Brasil. A Associação nasceu em Outubro de 2010, nosso primeiro encontro "oficial". Temos reuniões mensais voltadas para as famílias e já contamos com 60 famílias

cadastradas na nossa lista de endereçamento. Nossa Associação não tem fins lucrativos e é formada por mães voluntárias. A média de famílias por encontro é de 10-15. As famílias são de vários estados brasileiros. Atualmente, estamos tentando desenvolver um projeto de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira com as crianças acima de quatro anos, por enquanto, chamado de Projeto Alfa. A ideia principal é familiarizar essas crianças (de maneira mais estruturada) com a língua e cultura brasileiras e, a partir dos sete anos, iniciar um processo de alfabetização. Recebemos um kit da Embaixada que, por sua vez, foi fornecido pelo MEC. Também contamos com a participação de três professoras brasileiras, que provavelmente vão desenvolver material de apoio adicional.

As reuniões da AMBI acontecem em Dublin, onde também vivem todas as participantes. As rápidas conversas que tive com a fundadora foram suficientes para perceber que o perfil das mães participantes é completamente diferente do grupo de mulheres que etnografei. Professoras, psicólogas, pequenas empresárias e profissionais liberais entre 27 e 40 anos predominam no grupo. Como é possível perceber no depoimento apresentado acima, há uma preocupação como a formação cultural dessas crianças binacionais. As brasileiras com as quais convivi no interior não sabiam da existência da AMBI e não manifestavam, pelo mesmo de forma objetiva, a preocupação com a integração de suas crianças à cultura brasileira. Ao contrário: a grande maioria se mostrava orgulhosa da inserção dos filhos no cotidiano

do país e diziam que esses se achavam mais brasileiros que irlandeses. Dil pediu ao filho de nove anos que me falasse qual é sua nacionalidade. Ele, sem titubear, afirmou: “sou irlandês, nasci em Dublin”. Apesar de saber que essa definição de nacionalidade para filho de imigrantes é muito complexa, pude perceber que as mães em questão veem com bons olhos a inserção dos seus filhos em uma cultura europeia e não é difícil saber o porquê: a representação dominante que a Europa é superior ao Brasil estende-se a todos os países do continente, até à Irlanda, cuja história é marcada pela fome e emigração.

Em Tullamore e Kilbeggan não identifiquei nenhuma iniciativa comunitária em funcionamento voltada para o aprendizado do português. Para todos os imigrantes brasileiros, no entanto, foram oferecidos cursos de inglês em Tullamore, por iniciativa do Centro de Apoio aos Brasileiros na Irlanda (CABI), mas, as aulas se encerraram em função da baixa frequência e das desistências. Apenas duas das mulheres que acompanhei falam inglês. Chamou-me a atenção, no entanto, a constatação de que a maioria não interpreta o fato de não falarem inglês como um grande problema. Apesar de viverem num país de língua inglesa, todas conseguem levar seu cotidiano sem grandes dificuldades. Isso pode ser explicado pelo fato de que as famílias que vivem em Tullamore e Kilbeggan convivem intensamente, encontram-se com muita frequência e estabeleceram vínculos comunitários muito fortes, como definiu Dil:

Aqui somos uma família, uns pelos outros, isso aconteceu naturalmente. Os brasileiros que chegaram primeiro sofreram muito, mas agora temos com quem contar. Vivemos muito juntos. Sempre há uma desculpa pra fazer festa e todos os

brasileiros são convidados e todo mundo aparece. Quase todo final de semana tem o aniversário de alguém pra comemorar, o batizado ou a primeira comunhão, crisma, seja lá o que for a gente tá junto. No dia a dia também. Se alguém tem algum problema recorre ao outro pra ajudar. Na Garda, no hospital, mandar coisas pro Brasil, telefonar pra resolver serviços seja de luz ou água, quem não fala inglês pede pra quem fala ou pra quem se vira melhor.

As consultas médicas ou a renovação de documentos junto à imigração irlandesa são acompanhadas por amigos ou até pelos filhos que dominam a língua. Essa é uma dependência que elas assumem aparentemente com tranquilidade, como disse Sal: “Eu fui na classe aqui, de inglês, duas horas por semana, mas não aprendo. Dou conta não, só Deus mesmo. Quando preciso ir ao açougue ou comprar alguma coisa a gente vai na base da mímica da galinha, bate nas asas, faz mímica do boi, igual minha amiga Luciene”. Quando questionada sobre a participação na vida escolar dos filhos, ela disse ir às reuniões, sim, mas quando o filho ou as amigas podem acompanhá-la: “De vez em quando eu vou nas reuniões da escola, quando o meu filho pode ir comigo. Quando ele não pode eu não vou, pois eu não falo, né? A Dil me ajuda também, ela é o meu braço direito”.

Recentemente, o órgão irlandês correspondente ao Ministério da Saúde proibiu que crianças acompanhassem os pais ou qualquer outra pessoa no serviço de tradução das consultas, principalmente porque envolve a intimidade dos pacientes e o sigilo médico. Os questionamentos se davam também pelo fato de que as crianças não têm maturidade suficiente para ter acesso

a determinados diagnósticos ou, mais seriamente, pelo risco de traduzirem orientações ou informações de forma errada, em função das diferenças entre o vocabulário médico e o vocabulário cotidiano utilizado por elas. A orientação é que os hospitais ou centros médicos utilizem tradutores reconhecidos pelo Estado, mas a oferta desses profissionais é, segundo o ex-presidente da Associação Brasileira de Gort, muito aquém da demanda, o que deixa os profissionais e imigrantes sem alternativas. Nessas circunstâncias os médicos são obrigados a aceitar os filhos dos pacientes, amigos ou tradutores pagos pelos interessados.

As mulheres imigrantes com as quais convivi mostram uma postura firme na decisão familiar de permanecer no país, pelo menos diante de condições favoráveis dadas pela legalidade e conseqüentemente pela permissão de trabalho para elas e para os maridos. Mostram que seus projetos de emigração sofreram alterações no curso dos anos, desde a chegada delas à Irlanda. O que inicialmente seria “um tempo para ganhar dinheiro e voltar ao Brasil” tem se tornado definitivo:

Quando meu marido veio trabalhar no Kepak, ele queria juntar dinheiro, comprar nossa casa no Brasil e abrir um negócio pra viver mais tranquilo. As coisas foram mudando, pois o dinheiro que ele mandava desaparecia nas contas. Ele também tava sofrendo muito sem a gente. O frigorífico, no começo, não queria que os funcionários brasileiros trouxessem as famílias. Vê se pode. Então a gente veio meio que por debaixo dos panos. Eu vim com meu filho e trabalho aqui. No Brasil a gente não conseguiu comprar nada, mas aqui a gente

vive bem. E a família tá junta, que é o mais importante. Quero voltar um dia, mas não agora (Sir).

Sair do país da gente pra ir pra outro país é experiência muito boa. A vida no Brasil era muito sofrida. Desde que eu nasci comecei a sofrer. Meu marido tava pra cá e a gente tava lá de favor na casa dos outros, até ele conseguiu comprar nossa casa. Lá eu tinha muita solidão. O Osmar ficou aqui cinco anos e eu pai e mãe desses meninos sozinha. (Sal).

As diferenças entre as perspectivas das mulheres cujas famílias vivem legalmente e as que estão ilegais são muitas. A legalidade é o passaporte para que a família se estabeleça e sonhe com as possibilidades de ascensão para os filhos, livres de qualquer entrave burocrático e documentados. Além disso, o fato de poderem ir ao Brasil uma vez por ano contribui com a acomodação dessa família à vida no exterior. Por outro lado, construir uma base financeira no Brasil, permitindo à família retornar, torna-se impossível diante das novas demandas de consumo que se impõe na vida dessas famílias. Elas analisam criticamente essa nova condição e apresentam as justificativas que tornam o retorno ao Brasil inviável:

Aqui a gente gasta muito. O dinheiro parece que vem mais fácil, porque é semanal. Sei que se eu gastar essa semana, na próxima vou ter dinheiro de novo. Aqui tenho a oportunidade de dar aos meus filhos o que eu não tive. Roupas boas, boa alimentação, escola, viagens, passeios, brinquedos. É com isso que a gente gasta. Não sobra pra investir no Brasil, não dá. A vida aqui consume

tudo que a gente ganha (Sir).

Questionamentos sobre o futuro e as possibilidades de retorno parecem descartados e substituídos pela opção pragmática de viver o cotidiano. Por outro lado, a crise econômica que afeta a Irlanda desde 2008 e tem se agravado, não é vista como uma ameaça para essas mulheres. Todas ainda contam com o auxílio do governo para as crianças matriculadas na escola e a palavra crise não faz parte das preocupações diárias. Apesar da redução de horas de trabalho dos maridos e dos aumentos de impostos para todos os trabalhadores, a vida na Irlanda segue e se projeta para essas famílias como uma opção definitiva. O povo irlandês, segundo Dil , “não sabe o que é crise de verdade”:

A Irlanda para muitos era como um garimpo. O garimpo acabou e muitos brasileiros foram embora sem pensar nas crianças que estavam bem na escola, estudando. E agora eles terão que se adaptar ao Brasil de novo. Aqui a pessoa é respeitada por trabalhar, não interessa se ela é faxineira. O povo aqui reclama de barriga muito cheia. O que acontece é que alguns deixaram de viajar nas férias, diminuíram o consumo, pois eles sabem ser pão-duro quando querem. Crise igual no Brasil não tem, pois o governo ajuda todo mundo. O governo aqui não deixa ninguém passar fome. Tem muita gente vivendo do governo que fica em casa o dia todo de pernas pra cima, não quer trabalhar. Isso é a crise deles.

O fato de que são respeitadas como mães de família, de viverem em casas confortáveis no mesmo condomínio que profissionais de outras áreas, faz com que essas mulheres não

se sintam diminuídas por serem faxineiras. Sal busca os filhos na escola com um carro caro para os padrões brasileiros, da mesma forma que as mulheres irlandesas, sejam elas professoras, vendedoras, médicas, advogadas, etc. Algo impensável no Brasil, onde as fronteiras sociais são rigorosamente estabelecidas e o trabalho doméstico é desvalorizado e associado à baixa escolaridade. Os marcadores das diferenças sociais entre nacionais e imigrantes estão obviamente dados pelas barreiras institucionais e pela impossibilidade de participação efetiva na vida do país e nas decisões que afetam a todos, não só pelo fato de não falarem a língua, mas, principalmente, pela condição de imigrante. Essas mulheres e suas famílias, no entanto, têm ao seu dispor o acesso a uma educação gratuita, assistência médica e a bens de consumo que asseguram o que elas definem como “vida melhor”.

Uma vida melhor pros filhos, aqui eles não se sentem pior do que os outros, pois podem fazer tudo que as crianças irlandesas fazem, não tem tanta diferença como no Brasil, onde algumas crianças têm tudo, saúde, educação, passeios, cultura e outras têm uma escola pública onde às vezes o teto cai na cabeça das crianças.

O que as narrativas sugerem é que, para essas mulheres, a vida na Irlanda equivale a um padrão de classe média no Brasil. É uma equivalência ilusória, por um lado, mas real na medida em que possibilita acesso a direitos negados à maioria dos trabalhadores no Brasil. As possibilidades de consumo, por sua vez, se apresentam como a comprovação material da suposta ascensão social dessas trabalhadoras. De volta ao Brasil, elas reivindicam o direito a um novo status, simbolicamente legitimado pelos inúmeros

presentes comprados na Irlanda e ofertados aos familiares brasileiros.

Os Desafios, Experiências e Aprendizados das Imigrantes 'Ilegais'²

Em Gort, onde a maioria dos brasileiros vive indocumentado, por mais paradoxal que pareça, eles estão mais integrados aos locais do que em Tullamore e Kilbeggan. As mulheres, conseqüentemente, transitam mais facilmente por espaços comunitários como clubes, associações e igrejas, além de contribuírem significativamente com os movimentos de integração entre brasileiros e irlandeses. Duas anapolinas, em especial, fizeram história na pequena cidade. Den, 38 e Ros, 35 anos, deixaram Anápolis em 2000 e foram juntas para Gort, motivadas pelas notícias do fluxo de trabalhadores anapolinos para o país. Na imigração, segundo Den, foi muito difícil convencer os agentes a autorizarem a entrada. Como estavam tentando entrar com o visto de turista, um dos agentes resolveu checar se elas tinham dinheiro na conta do cartão apresentado por ela. Nesse momento, segundo Den, o destino e a sorte agiram para que elas entrassem na Irlanda:

O cara da imigração me levou até um caixa eletrônico e pediu que eu inserisse meu cartão, que era de uma conta cancelada no Brasil, para ver se tinha grana. A máquina acusou cartão não aceito. Eu, por ousadia, pedi a ele que também inserisse o cartão dele, sempre com gestos. Ele inseriu e, por Deus, por sorte ou sei lá, o dele também foi recusado. Eu olhei pra ele, fiz o sinal negativo com a cabeça, fiz o sinal de dinheiro com as mãos e apontei o polegar pra baixo. Ele entendeu que eu quis dizer “você

também não tem dinheiro” e riu. Assim, depois de muitas perguntas, eles deixaram a gente entrar, pois tinha que ser.

Ao chegar à Irlanda a dupla foi direto para Roscomonn, onde já em 2000 havia brasileiros de Goiás. Depois, resolveram tentar trabalho em Gort e, segundo Ros, foram as primeiras mulheres brasileiras a chegar à cidade. A princípio, moraram em um flat com quatorze pessoas, onde dormiam no chão. Foram assediadas pelos colegas brasileiros e até perseguidas por não cederem às investidas masculinas. Assim que chegaram a Gort, ambas conseguiram trabalhar no frigorífico *Sean Duffys*. Ros trabalhou na matança de porco e na balança. Inicialmente, disse ter tido muitos pesadelos com o sangue. Nas narrativas de Ros, a grande dificuldade inicial do trabalho no frigorífico era a língua. No entanto, acatando a sugestão de um americano, Ros começou a aprender no mínimo duas palavras em inglês por dia, o que ao final da semana acrescentaria quatorze palavras ao vocabulário. Segundo ela, havia um tradutor no frigorífico, *Sean Duffys*, que prejudicava os brasileiros deliberadamente, o que eles só descobriram depois que Ros passou a entender inglês e contar aos brasileiros as mentiras do tradutor. O grupo, então, exigiu que ele fosse demitido. “Eles abusavam um pouco porque a gente não sabia falar a língua, os irlandeses gritavam, xingavam e todo mundo em silêncio. Isso, por um lado, era muito bom pra eles, pois éramos trabalhadores quietos”, analisou. A vida na cidade foi facilitada para os brasileiros, de acordo com ela, pelo carinho e abertura dos irlandeses da cidade. As mudanças e a movimentação pela presença brasileira impulsionaram a cidade em todos os sentidos, como constata a informante:

Quando eu cheguei achei que não ia suportar ficar em uma cidade tão pequena. Eu acho que nós brasileiros somos muito bem-vindos em Gort. A maioria das pessoas aqui faz tudo para receber bem, pois a cidade mudou por nossa causa. Hoje temos nove ou dez conjuntos de casas que foram construídos para acolher a comunidade brasileira de imigrantes. A interação dos irlandeses conosco é muito boa, só não é melhor por causa da língua. A Garda, por exemplo, me pediu pra traduzir um folheto apresentando os policiais novos aqui. Eles meio que se desculparam por ter que parar os brasileiros de vez em quando, mas se ofereceram para ajudar. Em nenhum lugar os brasileiros são tão bem tratados como aqui. Em Roscomon, eu cheguei a me esconder no guarda-roupa com medo da imigração.

Segundo constatei, o fechamento do frigorífico *Sean Duffy* ocorreu após um incêndio que inviabilizou o funcionamento e trouxe grande prejuízo aos proprietários, pois a indenização demorou a ser paga. Os cerca de cento e cinquenta brasileiros desempregados foram contratados por outros frigoríficos e em lojas da cidade, pois “os irlandeses gostam muito do trabalho dos brasileiros”, como também afirmou Ros. Nesse sentido o fechamento do frigorífico não impactou muito a vida dos brasileiros, uma vez que a maioria conseguiu recolocação em outras cidades.

Principal articuladora das festas de quadrilha em Gort, Ros afirmou que a iniciativa surgiu porque os brasileiros queriam se divertir e dançar, o que os *pubs* da cidade não ofereciam. Ela, então, deu a ideia de iniciar as festas brasileiras nos *pubs*:

A gente fazia a noite brasileira aqui nos bares da cidade. Nós frequentávamos os pubs aqui e achávamos sem graça, então não tinha aonde ir; tava todo mundo doido pra dançar forró e então falamos com o dono do bar e ele autorizou. Dançamos forró a noite inteira e todos pediram pra fazer outras festas. Depois fizemos mais duas e surgiu a ideia de fazer a quadrilha. A primeira foi em 2004, foi na praça central aqui e os irlandeses ficaram muitos felizes. Queríamos mostrar nossa cultura. A gente abre a festa ouvindo o hino nacional e olha nunca senti tanta emoção com o hino nacional no Brasil, ouvir ele aqui parece dá um sentimento na gente que não consigo explicar. Depois de 2004 fazemos a quadrilha todo ano e o povo adora. Vem a imprensa, as televisões e sempre aparece uma nota nos jornais.

A informante tornou-se famosa em todo o país por ter sido a primeira imigrante e brasileira a trabalhar no Corpo de Bombeiros da Irlanda. Depois de superar candidatos e obter excelente aproveitamento no curso da corporação, ela foi trabalhar num grupo onde só havia homens e nele permaneceu por dois anos e meio. Foi entrevistada pelos principais jornais da Irlanda e tornou-se uma espécie de 'celebridade' entre os bombeiros, o que, segundo ela, acabou incomodando alguns. Ela analisa o tempo que ficou na corporação como muito positivo, mas ao mesmo tempo se sentia presa, pois ela poderia ser requisitada a qualquer momento, uma vez que os acidentes não acontecem “apenas em horário comercial”. Foram dois anos de muito trabalho numa rotina estafante e isso fez com que ela solicitasse o seu desligamento.

Depois de onze anos vivendo na cidade, Ros considera Gort como “minha casa longe de casa”, o que sugere um pertencimento a dois lugares, duas casas. Algo que nem sempre é bem resolvido como no caso de Ros, que “tem documentos” e pode ir e voltar ao Brasil sempre: “Se eu pudesse eu gostaria de ficar três meses por ano no Brasil”. Como constatei, a maioria dos brasileiros em Gort vive na ilegalidade, o que não os impede de trabalhar e até abrir empresas na cidade. Impede-os, sim, de viajar para fora das fronteiras irlandesas, dado o risco de terem a entrada recusada na volta e, conseqüentemente, de terem que retornar ao Brasil. A companheira de viagem de Ros, Den, 38 anos, cresceu em Goiás e, antes de ir para a Irlanda, trabalhava como garçomete em um *Shopping Center*. Na Irlanda, aprendeu o ofício de classificadora de bois, função geralmente exercida por veterinários:

Quando nós chegamos em Roscomon ficamos desesperadas e chegamos a pedir ajuda pra voltarmos pro Brasil, a intérprete chegou a escrever uma carta pra sermos deportadas. Resolvemos contar nossa história pra esposa do intérprete do frigorífico que conseguiu emprego pra gente. No Sean Duffys eu lavava boi, matava boi e as inspeções federais que acontecia, só eu matava, pois eu sabia o lugar certo de apertar a pistola de ar. A pistola é pesada. Eu tinha que levantar o alçapão com a perna e empurrar, quando ele emperrava. Eu não conheço mulher que mata não, só eu. È muito difícil. Você tem que colocar o boi no alçapão, que é pesado. Teve um dia que eu caí lá dentro no alçapão. Sorte que o boi desmaiou e eu saí correndo de lá. Eu aprendi tudo,

pois eu tinha muita curiosidade. No frigorífico eu sei de tudo. Trabalhei na limpeza, lavando banheiro, raspando sangue. Ajudei no controle de qualidade, fazendo anotações, vendo temperatura, etc. Eu fiz classificação de boi, uma coisa que talvez você não acredite, que só profissional faz. Você tem que olhar todo o boi e classificar, eu que dou a qualidade do preço do boi. Os fazendeiros me ofereciam dinheiro pra classificar o boi, o dono do frigorífico me oferecia também. Alguém sem estudo fazer um serviço desses, ninguém acredita. Eu tenho até os certificados.

Sobre os incômodos de trabalhar em um frigorífico, Den disse que não se sentia bem, pedia perdão a Deus por ter que matar, tinha dó, mas dizia a Deus que “precisava do trabalho”. Ao sofrer um acidente com a pistola de ar, “que estourou no rosto”, desistiu de trabalhar na matança e depois de ameaçar deixar o trabalho caso o frigorífico não mudasse sua função, foi realocada para a limpeza e desossa. Quando o frigorífico foi fechado, Den foi morar na Irlanda do Norte, em Belfast, em um frigorífico segundo ela “muito grande e muito chique”, onde atuava na inspeção e no empacotamento. Em Belfast foi vítima dos conflitos entre protestantes e católicos por repetir um gesto comum aos católicos em Goiás: adornar o carro com um crucifixo abençoado nas missas de Trindade³.

Minha mãe é católica e me mandou um crucifixo. Na Irlanda do Norte tem guerras e eu não sabia. Eu coloquei o crucifixo no meu carro e estacionei em um lugar de protestantes lá em Belfast. Quando eu levantei pra trabalhar eles

tinham explodido meu carro, um Corsa novinho. Foi em 2004. O povo lá é doido. Eu saí de lá e vim pra Balinasloe pra outro frigorífico.

Encontrei muitos imigrantes que estão há oito, dez ou onze anos sem voltar e sem ver a família. Caso de La, 39 anos, que estava com retorno definitivo marcado para a primeira semana de junho de 2011. Após oito anos trabalhando como faxineira em Gort, ela decidiu voltar, principalmente, por já ter comprado uma casa em Goiás e ter alcançado os objetivos iniciais. Pude ouvir de algumas pessoas que os patrões dela estão lamentando a decisão da imigrante. Segundo Ros, já fizeram várias festas de despedida. O mesmo aconteceu com outras imigrantes que estavam com viagem de volta marcada e cuja decisão causou consternação entre os patrões e patroas irlandeses. A proprietária de uma farmácia da cidade, em entrevista, já lamentava perder a brasileira Mar, 43 anos, que está na Irlanda há dez anos e que pretende voltar definitivamente ao Brasil em outubro de 2011. “Eu não vou contratar ninguém pro lugar dela, pois sei que ela vai voltar. Estou tentando conseguir os documentos pra ajudá-la a ir e voltar ao Brasil quando ela quiser. Ela volta, tenho certeza. Ros considera que sua decisão de emigrar foi em todos os sentidos uma decisão acertada. “A maior angústia que eu tinha era de ficar longe da minha filha, depois que eu consegui os meus documentos e a residência, pude trazê-la e hoje ela vive aqui comigo. Tenho trabalho e sou respeitada pelas pessoas aqui. O que mais eu poderia desejar?”.

Outra imigrante brasileira que viveu na Irlanda, passou por uma experiência muito dolorosa ao descobrir um câncer na perna, enquanto vivia naquele país. Mari, 38, mudou-se para Goiânia em 1996, quando veio fazer parte do noviciado das irmãs Palotinas, no bairro Rio Formoso, na periferia

da cidade. Deixou o noviciado, mas permaneceu atuando junto às pastorais da Igreja Católica, onde conheceu um casal formado por um ex-padre e uma brasileira, ele irlandês que, ao retornar ao país de nascimento, convidou Mari a imigrar. Durante o período que esteve no país, Mari trabalhou como faxineira, cuidadora de idosos e babá. Acometida pela doença, ela recebeu toda a assistência médica necessária e foi submetida a uma cirurgia, mesmo estando indocumentada. De volta ao Brasil, em 2009, a imigrante relatou emocionada sua experiência no país, o acolhimento e apoio recebidos pelas famílias irlandesas com as quais morou, o atendimento da rede de serviços de saúde e os momentos desagradáveis da prisão e deportação:

Estive na Irlanda por quatro anos e meio, fui em 2002, por um ano, voltei ao Brasil, fiquei três anos e retornei a Irlanda em 2006. As duas vezes que saí do Brasil foram para ajudar uma amiga que em ambos os momentos estava precisando de auxílio. Em 2002 fiquei legal no país apenas por três meses. Em 2006, consegui um visto de acompanhante, pois minha amiga estava com depressão profunda e suas crianças, com o qual sempre convivi aqui no Brasil, precisavam de apoio. Nesse período um tumor maligno se desenvolveu no meu organismo (melanoma, câncer de pele). Fui ao médico local, pequeno consultório, para primeira consulta, que me encaminhou para o Hospital Regional, onde tem especialistas nas mais diversas áreas. O processo de espera para a consulta no Hospital Regional é que foi mais demorado, cerca de um mês e meio. A partir daí tudo foi muito rápido, o médico

solicitou e encaminhou os exames com extrema urgência. Em 20 dias, todos os exames estavam prontos, inclusive uma tomografia computadorizada (CT SCAN), muito caro, que ele solicitou à rede pública. Diante do resultado, ele me encaminhou à capital para um professor oncologista, especialista em câncer de pele. A consulta foi marcada com 15 dias e após uma semana já tinha sido realizada a cirurgia. Todo tratamento foi realizado pela rede pública, a única taxa que paguei foi a primeira consulta e a “estadia do hospital”, uma taxa que eles cobram por noite. Fiquei internada 10 dias, por ser considerada uma cirurgia de grande porte. Logo em seguida, confirmado câncer, solicitou-se o cartão de saúde, este que dá direito a tratamento de saúde, remédios e internações pela rede pública. Este cartão só adquire quem tem doenças crônicas, quem precisa de acompanhamento médico constante. Fui encaminhada para um tratamento de imunoterapia por um ano, o cartão médico assumiu tudo, nem remédio para dor eu comprava. Nesse período o meu visto venceu, meu amigo solicitou a renovação do visto, alegando que me encontrava em tratamento médico, mas não recebi resposta, nem positiva e nem negativa, fiquei na minha. Dois anos após o pedido, chegou uma carta perguntando sobre a minha situação. O cartão médico venceu depois de o visto vencer, foi solicitado a renovação do cartão. Para fazer o pedido haviam solicitado a carta de autorização de permanência no país e o passaporte.

Para renovar, não lembro direito, pois meu amigo foi quem encaminhou tudo, só sei que não fizeram muita exigência e liberaram por mais um ano. Morei o primeiro ano com essa amiga, brasileira, casada com Irlandês, o qual encaminhou toda a documentação que necessitei durante o tempo que estive no país, depois me mudei para uma família irlandesa, pois a minha amiga estava melhor; então fui cuidar de crianças. Tenho muita gratidão a essa família irlandesa, pois, mesmo sabendo das minhas limitações me deram todo apoio e auxílio necessário para a continuação do tratamento, além de ter aprendido inglês, que é a língua local. Nessa família fiquei por um ano, e como a mãe das crianças passou a trabalhar meio período, e eu apenas com acompanhamento médico a cada três meses, resolvi mudar de cidade, e então fui fazer faxinas e logo em seguida cuidar de uma idosa, onde trabalhei por mais um ano. Nesta última família, cuidando dessa idosa, percebi que mesmo eles não valorizando financeiramente o trabalho dos brasileiros, eles gostam de tê-los como funcionário, pois são, na maioria dos casos, responsáveis e bons de serviço.

Mari resolveu visitar os amigos e parentes no Brasil, onde ficou por dois meses consecutivos. Ao tentar voltar, no entanto, foi barrada no aeroporto, detida e obrigada a retornar como “não admitida”. Após a mal sucedida tentativa de entrar na Irlanda, Mari resolveu morar em Salvador, Bahia, onde atualmente trabalha na recepção de um hotel. Os vínculos anteriores com a cidade, onde

cultivava amigos e uma aproximação com o Candomblé, fizeram com que ela se adaptasse com muita facilidade. Como muitos dos imigrantes, considera que seu tempo de ficar na Irlanda tinha sido marcado por forças alheias ao seu controle e hoje entende que “eu não entrei na Irlanda de novo porque os Orixás não deixaram, era o momento de começar a trabalhar pra eles, meu tempo de Irlanda já tinha passado”.

Encontrei Vil, 43 anos, e o marido irlandês Cor, 73, na casa da cozinheira Jú, que vende comida goiana na cidade há oito anos. Vil foi para Gort em 2006. Trabalhava no frigorífico de Anápolis, na desossa. Aprendeu o ofício na unidade da antiga Friboi de Anápolis, onde passou dos serviços gerais para a desossa e depois para o abate. Está trabalhando em frigoríficos há 23 anos. Ficou três anos no abate, “quebrando cabeça de boi”. Hoje está casada com um irlandês que, segundo sua interpretação, lhe foi dado por Deus em resposta às suas orações:

Quando eu entrei no frigorífico eu tinha quatorze anos. Trabalhei no Goiás Carne seis anos. Peguei o acerto e vim pra Irlanda. Eu sempre quis trabalhar em frigorífico aqui, mas eu não tinha documentos, não podia. Aqui trabalhei olhando uma criança. Conheci meu marido no New Castle, ele era segurança de um supermercado. Eu conheci ele e eu era só, sozinha. Eu pedi a Deus pra me ajudar. Eu olhei pra Deus e disse “Deus me dá um velho que tivesse ao menos um carro. Deus disse: Eu vou te dar um velho que tem é três carros, não só um. Então eu conheci, contei minha vida pra ele. Eu disse a ele que nós podia casar. Ele disse, te dou mil euros pra você não falar mais em casamento pra mim. Então ele me deu os mil

euros e eu fiquei quieta, né? Depois eu voltei a falar sobre casamento, ele me disse de novo, te dou mais mil euros pra você não falar mais sobre isso então ele me deu o dinheiro de novo. Eu não sabia porque, depois ele me falou que recebia pensão da mulher e se casasse a pensão seria suspensa. Eu então orei a Deus e pedi, Deus eu quero casar com esse homem, é pecado ficar só amigado assim. Uma semana depois ele disse “você quer casar mesmo, então mandar vir seus documentos pra que eu veja se você é solteira mesmo”. Os documentos veio, nós casamos e eu consegui estampa quatro. Logo fui no frigorífico e consegui emprego. Aqui é tranquilo. Não sinto preconceito de trabalhar ao lado de homens não. O frigorífico aqui é mais tranquilo do que no Brasil. Lá no Brasil se você piscar a banda de boi passa e você tem que correr atrás dela. O encarregado briga com a gente. Eu já tive um acidente no Brasil. Uma amiga cortou meu dedo, ele mandou a faca. Ela foi pegar uma carne e bateu a faca no meu dedo e meu dedo ficou pendurado. Fui para a enfermaria. Ela chorou muito, a moça que me cortou.

O casamento permitiu a ela permanecer na Irlanda e realizar a vontade de voltar a trabalhar em frigorífico, uma vez que hoje as empresas só contratam imigrantes “com estampa quatro”, como ela explica. Além do contrato legal de trabalho, a maior vantagem é a segurança, como ela definiu apontando o marido que a acompanhava: “Esse velho aqui é um tesouro pra mim, ele me ajuda com minhas filhas e meus netos lá no Brasil. Nós vamos sempre pra Anápolis e ele já me

ajudou a reformar minha casa lá. Ele adora o Brasil e minha família adora ele”. Depois do casamento, Vil diz que vive tranquila, sem as ameaças de deportação e sem o risco das pessoas “invejosas” a denunciarem, como aconteceu uma vez:

Deus é tão bom que me salvou de ser deportada. Eu fui denunciada pra Garda e eu já tava namorando o Cormac. Eles chegaram na casa onde eu trabalhava, em um lugar bem longe da cidade, por isso eu sei que foi denúncia. Disseram que eu tinha duas semanas pra deixar a Irlanda. Agora tô casada com esse Anjo que Deus me deu e ninguém me ameaça mais.

Ao ser questionada se tinha ideia de quem havia feito as denúncias, Vil disse: “Eu sei quem foi, mas não tenho prova. Aqui se você tá ilegal e tem um rixa com alguém, a pessoa já te ameaça de denunciar. Os brasileiros aqui, nem todos são seus amigos, a gente precisa ter cuidado”. Pude confirmar, em várias situações, que as observações de Vil estavam corretas. Sempre que alguém é barrado na imigração, tentando retornar ou tentando se juntar aos parentes na Irlanda, os imigrantes atribuem o fato a denúncias, mesmo quando há motivos suficientes para a não admissão, como permanência anterior ilegal ou utilização de serviços de saúde, que podem ser controlados pelo *Personal Public Service Number* (PPS Number), documento utilizado no país para que os cidadãos tenham acesso aos serviços públicos. Quando eu apresentava essa argumentação eles contra-argumentavam com os exemplos de outras pessoas que também viveram em condição de ilegalidade e conseguiram entrar e sair muitas vezes. De qualquer forma, histórias de fofocas, traição e denúncias fazem parte do cotidiano de todos os imigrantes, e alimentam

relações fortemente personalistas, caracterizadas pelo intenso envolvimento comunitário entre os imigrantes.

Enquanto a maioria das mulheres dos trabalhadores goianos empregados nos frigoríficos conseguiu levar os filhos pra Irlanda, muitas das imigrantes goianas indocumentadas, ao emigrarem, deixaram os filhos sob os cuidados dos avós no Brasil, o que em Anápolis fez surgir um grupo de crianças denominado “os filhos da Irlanda”. Segundo a professora Adri, 25 anos, que leciona numa escola municipal da Vila Fabril:

É fácil reconhecer essas crianças, elas em geral dão muito trabalho, pois os pais tentam compensar a ausência deles com roupas de marcas e tênis caros, além de celulares, computadores e outros eletrônicos. Na verdade, ao ficarem sob os cuidados dos avós elas ficam sem limites, pois os avós nem sempre conseguem ocupar o lugar dos pais.

Também fazem parte do grupo “os filhos da Irlanda”, as crianças com dupla nacionalidade, ou seja, com cidadania irlandesa adquirida em função da cidadania de um dos pais, uma vez que naquele país as leis referentes à naturalização estão baseadas no *jus sanguinis*, ou seja, no direito à nacionalidade pela descendência. Apesar de não ter etnografado o grupo de crianças em questão, foi possível o contato com parte da realidade em que eles vivem durante o trabalho de campo. Um garoto de 13 anos, neto de um casal de ex-imigrantes e cujo pai trabalha em um frigorífico irlandês, me chamou especialmente a atenção. Ao tomar conhecimento de que eu iria para a Irlanda, ele mostrou-se muito ansioso e passou a falar sobre o tempo em que morou no país, sobre a separação dos pais que o obrigou a retornar

com a mãe ao Brasil e dos bens já adquiridos pelo pai: caminhões, casas, carro, ressaltando certo orgulho. Disse também que gostaria de voltar e morar com o pai na Irlanda, o que ele acredita que logo seria possível. Sem dúvida o “ir e vir” dos imigrantes também envolve os seus filhos, o que sugere dificuldades de adaptação e readaptação, principalmente em fases da vida como a infância e a adolescência, onde a estabilidade em todos os sentidos é apontada como fundamental para o crescimento e desenvolvimento equilibrado. Como apontei anteriormente, uma criança que é alfabetizada em inglês, fala português, porém não pratica a escrita, pode sofrer ao voltar ao Brasil ou se sentir desestimulada com a escola. Apresento essas considerações a fim de situar mais alguns desafios das goianas imigrantes, uma vez que o papel de educar e cuidar dos filhos é, em grande medida, uma responsabilidade feminina em todo o Brasil, além das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, apontarem que há cada vez mais lares brasileiros chefiados por mulheres.

Muitas dessas imigrantes afirmam ter arriscado emigrar pelos filhos, para garantir a eles confortos e oportunidades que elas não tiveram. Mar, 43, afirma, no entanto, que essa dedicação, no caso dela e do marido, foi exagerada e mais atrapalhou do que ajudou:

Estamos há dez anos aqui, eu e meu marido, trabalhando sem parar, no frio, na chuva, longe da família. Já ganhamos muito dinheiro aqui e eu me pergunto sempre, onde foi parar esse dinheiro? Teve mês que nós enviamos trinta mil euros pro Brasil. Tudo pros filhos, sustentando viagem, roupas caras, carro. Agora eu quero voltar e nem uma casa para os meus pais que estão velhos eu consegui comprar. Sinceramente, eu me cansei de trabalhar aqui,

meus filhos precisam cuidar da vida deles. Até quando a gente precisa ficar se matando aqui e eles no bem bom no Brasil? Chega, em outubro eu volto, se o pai deles quiser ficar, que fica, a Irlanda vai separar a gente.

Muitas mulheres solteiras que conheci em Gort afirmaram ter encontrado na Irlanda uma liberdade antes desconhecida no Brasil. Elas se referiam especificamente à distância da família que sobre elas exercia cobranças e controle. Uma imigrante, que se assume homossexual, afirmou que em função da liberdade que sente, não pretende voltar ao Brasil:

Aqui ninguém interfere na minha vida, mesmo que falem de mim, eu tenho meus amigos, meus relacionamentos, bebo as minhas cervejas e me sinto mais livre para viver o que eu quiser aqui. A única pessoa que me importa, que é minha filha, eu trouxe comigo. Voltar pro Brasil, eu não volto. Lá eu não poderia ser o que sou aqui.

Quando questionada se sentia algum tipo de preconceito por ter assumido sua identidade sexual ela afirmou:

Os irlandeses não se interessam muito pela vida particular da gente. Eu trabalho para uma mulher que gosta do meu serviço e para ela pouco importa o que eu sou. Quanto ao meu povo, meus amigos, os brasileiros como eu, eles fazem umas brincadeiras e eu devolvo na mesma moeda. No Brasil isso não acontece. Eu considero meus amigos aqui a minha família, que me aceita e aqui o povo parece que muda o jeito, não discrimina tanto.

Considerações Finais

Além de lançar luz sobre os processos que permitiram a esse grupo de pessoas emigrar, também apresento novas questões dadas pelo campo, garantindo assim que as possibilidades de pesquisa sobre emigração e perspectivas de gênero permaneçam nos desafiando.

A construção de novas oportunidades ou o “fracasso” e o sucesso dos filhos é um ponto de partida fundamental para a avaliação que as imigrantes em geral fazem da sua experiência emigratória. As mulheres recorrem ao fato de que suas “crianças” aprenderam o inglês e se tornaram capazes de transitar com facilidade na sociedade irlandesa. Mostram-se orgulhosas por terem oferecido a elas oportunidades inacessíveis à maioria das crianças brasileiras e vislumbram, conseqüentemente, a possibilidade de que eles ingressem em uma universidade e alcancem ascensão social. Para muitas dessas mulheres, principalmente para as que estão vivendo legalmente, o capital que pode ser alcançado pelos seus filhos tem mais importância do que dinheiro que poderiam porventura levar ao Brasil. Como propõe Bourdieu (1992), que amplia a análise do capital para além do seu valor monetário, tanto o capital social como o cultural envolvem posses socialmente incorporadas aos indivíduos, tornam-se *habitus* e refletem também mecanismos de disputa nos campos estruturados da vida social.

A inserção em espaços de consumo antes impossíveis, como por exemplo, o de roupas e calçados de marca, é um indicador importante para mães, pais e filhos de que “a vida melhorou”. São também esses sinais que “os filhos da Irlanda” ostentam na Vila Fabril, a fim de serem reconhecidos. Acredito que uma pesquisa específica sobre as condições de adaptação dessas crianças que

voltam ao Brasil pode lançar luz sobre o processo complexo de passar a pertencer a dois mundos, tão comum aos tempos em que vivemos e que afetam um número cada vez mais significativo de pessoas.

A viagem de férias ao Brasil, possível às famílias que vivem legalmente no país, é um momento importante para a afirmação da nova condição em que vivem os imigrantes. Os presentes que são entregues aos familiares e amigos possuem um papel fundamental, pois além de uma forma de manifestação de carinho, sem dúvida esses presentes comunicam sobre o novo *status* que o grupo familiar alcançou, carregando consigo mensagens do sucesso da família de imigrantes, cuja presença na terra natal é celebrada com muito entusiasmo. Esses presentes testemunham a nova condição, ao mesmo tempo em que exigem também novo tratamento e reconhecimento. Por outro lado, como mostra Mauss (1974), criam a expectativa da retribuição, que no caso diz respeito ao reconhecimento e a própria “festa” no momento da chegada da família, assim como as visitas, os convites para churrascos e outros eventos. Todo o tempo despendido com a compra dos presentes, a organização das malas e a logística de transportá-las se justificam a partir do poder que eles têm de fazer circular sentimentos e comunicar elementos da nova realidade vivida pelos imigrantes, que nem sempre pode ser conferida *in loco* pelos que ficaram no Brasil.

Sal e Sir disseram ter sempre a agenda cheia quando estão no Brasil, o que faz “o tempo passar mais rápido”. São convites dos vizinhos, dos amigos, visitas, jantares, passeios onde as crianças, em geral, se tornam o centro das atenções e, como já apresentei, são motivadas a falar inglês, fazendo com que todos se mostrem admirados e as mães se sintam mais orgulhosas. Em alguns momentos, na

convivência com essas famílias em Anápolis, pude perceber que as comparações entre Brasil e Irlanda são muito frequentes e, às vezes, causam certa antipatia, provocando reações e comentários duros, como este: “depois que tá morando na Irlanda nada no Brasil presta mais, né?”. Ou frases mais agressivas do tipo “tá limpando privada na Irlanda e chega aqui se achando”. As imigrantes, imediatamente, tentam emendar o que disseram, buscando na verdade demonstrar que elas adquiriram outras referências e experiências que as permitem fazer tais comparações.

Um dos aspectos mais significativos para as mulheres estabelecidas na Irlanda refere-se a viver no país em condições que correspondem às de mulheres da classe média no Brasil. Mesmo sendo faxineiras ou babás, seus filhos estudam nas mesmas escolas que os filhos das advogadas, professoras e médicas irlandesas. Moram em casas confortáveis, têm carros e consomem como as famílias de classe média. Ainda que não estejam completamente integradas ao país, se orgulham pela integração dos filhos. Não se envergonham de trabalhar com limpeza, pois no país isso não é desabono e nem um critério tão objetivo de discriminação ou exclusão social como ocorre no Brasil. Com certeza esse lugar que passam a ocupar e as possibilidades de transitar entre os dois mundos as fazem demonstrar grande contentamento com “a nova vida”, o que tem um peso grande na decisão familiar de permanecer na Irlanda ou voltar.

Para as indocumentadas outro cenário se apresenta. O medo da deportação, as ameaças e a impossibilidade de voltar são realidades que desafiam a permanência no país, além da tão lamentada separação dos filhos. Muitas, no entanto, têm conseguido os seus documentos de permanência que podem ser solicitados pelos patrões. Algumas trabalhadoras em Gort chegaram na condição

de ilegais e em função de se destacarem no trabalho regularizaram sua situação através da intermediação dos empresários para os quais trabalhavam. Outras brasileiras se casaram com irlandeses, como é o caso de Vil, cujo depoimento registrei. Constatei que há brasileiras casadas com poloneses, lituanos, portugueses e com europeus de outras nacionalidades, o que lhes dá direito à cidadania europeia. Também tomei conhecimento dos casamentos arranjados e de pessoas que estavam vendendo casamentos. Uma delas era brasileira com cidadania italiana e estava cobrando cinco mil euros para se casar, o mesmo valor cobrado por seu irmão.

A valorização da “liberdade” de viver na Irlanda mostrou-se uma recorrência comum às mulheres com as quais convivi. A cultura da terra de origem poderia ser vista, nessa direção, como uma cultura que aprisiona e impede que elas vivam sua vida “sem cobranças e pressões”. Emigrar dessa forma extrapola os objetivos econômicos imediatamente apresentados e se revela uma possibilidade de experimentar outros mundos e muitas vezes de realizar potencialidades aprisionadas por algumas estruturas sociais, a exemplo da goiana Den que, nas palavras dela, nunca sentou “numa cadeira de escola”, mas na Irlanda trabalhou como classificadora de bois, função quase exclusiva de veterinários. Ou de Ros, que se tornou a primeira imigrante a fazer parte do corpo de bombeiros da Irlanda.

É possível notar, nas interpretações femininas sobre a experiência na Irlanda, que além do *status* alcançado pelo acesso ao consumo, as oportunidades de crescimento pessoal e a preocupação objetiva com a educação dos filhos se destacam. As mulheres que acompanhei ressaltavam a alegria de ver os filhos estudando em uma escola europeia e, mais do que os homens, se mostravam orgulhosas da desenvoltura que eles

alcançavam no contexto irlandês. Além dos bens adquiridos ou do status de poder transitar entre a Irlanda e o Brasil trazendo histórias e fotografias dos países visitados, a formação dos filhos se mostra o capital mais valorizado nesse contexto. O fato de serem vistas, também, como ponte para outros que pretendem trilhar os mesmos caminhos, faz com que elas, bem como os outros imigrantes, sejam valorizadas, celebradas, quando retornam para a cidade de origem. Os filhos dessas famílias que estão crescendo e estudando na Irlanda construirão outras formas de ver e outras formas de se relacionar com a nova pátria, uma vez que, estando na escola e dominando a língua inglesa, eles se aproximarão de forma mais densa dos códigos dominantes na cultura irlandesa. Ao se tornarem sujeitos que transitam entre duas culturas, repetirão a história de milhares de imigrantes em várias partes do mundo e em todas as épocas.

Para as mulheres o ‘ir e vir’, sem dúvida, permite que elaborem uma leitura sobre os espaços e as possibilidades com os quais se deparam. São essas leituras que particularmente tentei registrar, uma vez que podem nos permitir inferir sobre os impactos das experiências na vida das mulheres que emigram, suas expectativas, agências e interpretações.

¹ Revista estudos avançados. Dossiê migrações. USP: 2006. Vol.20, número 57.

² Definição êmica para a condição de indocumentado. Na abordagem que apresentamos, considerando a valorização da perspectiva das imigrantes, optamos por utilizar as definições “legal e ilegal”, ao invés de documentadas e indocumentadas, uma vez que essas categorias predominam nas definições que as imigrantes elaboram sobre sua condição.

³ Trindade está localizada a 18 km de Goiânia. Possui uma basílica dedicada ao Divino Pai Eterno e,

todos os anos, recebe milhares de romeiros por ocasião da “Festa da Trindade”, que acontece no final do mês de junho.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira; KOSMINSKY, Ethel V. Gênero e migrações contemporâneas. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 695 - 697, 2007.

BILAC, F. D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, Neide Lopes. (Coord). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 65 - 77.

Bilingual Community Newsletter. Associação de Brasileiros em Gort. Gort, Ireland, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Assistência a brasileiros**. Disponível em: www.itamaraty.gov.br. Acesso em: 21 de julho de 2010.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria nacional de justiça. COLARES, Marco (Coord). **I diagnóstico sobre o tráfico de seres humanos**. São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Ceará. Brasília, Secretaria Nacional de Justiça, 2004, 42 p.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Reinventando a

localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. **Horizontes Antropológicos. Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS**, n.31, p. 137 - 166, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Questionário 2010 – Censo**. Disponível em <www.censo2010.ibge.gov.br/questionarios.php>. Acesso em 21 de julho de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**: mais da metade dos emigrantes brasileiros são mulheres. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 16 de novembro de 2011.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. V. II, São Paulo, Edusp, 1974.

MOROKIVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also women. **Internacional Migration Review**, v. 18, n. 4, p. 886 – 907, 1984.

NASCIMENTO, Solano. A cidade goiana das espanholas. **Revista Veja**, p. 52-53, 2 de março de 2005.

NAKAGAWA, K. Y. **Crianças envolvidas no movimento de kassegui**. 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório da comissão mundial sobre as migrações internacionais**. Lisboa, 2005, 86 p.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimento

sociais. **Estudos Avançados**, n.57, p. 7 - 24, 2006.

PIORE, Michael J. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. Cambridge, Mass., Cambridge University Press, 1979.

Projeto Itamaraty Itinerante é lançado em colóquio promovido pelo NETP-GO. Disponível em <www.mpe.go.gov>. Acesso em 15 de agosto de 2010.

RIBEIRO, Gustavo Lins. FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia e Poder**. São Paulo. Unicamp. 2003.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Goiânia, califórnia: vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. **Série Antropologia**, v. 235, p.1 - 22, 1998.

SILVA, Sidney Antônio. **Costurando sonhos**. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

VELHO, Otávio. O cativo da Besta-Fera. In: VELHO, Otávio. **Besta-Fera: recriação do mundo. Ensaio de crítica antropológica**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1995.

Recebido em 27 de julho de 2015.
Aceito em 12 de dezembro de 2015.